

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVII
VOLUME 27
(JUL-DEZ)
2017
P. 315-330.

O EXÉRCITO DE UM HOMEM SÓ: CARACTERÍSTICAS MARXISTAS NA LITERATURA

Gláucia Elisa Zinani Rodrigues¹
Universidade de Passo Fundo (UPF)

RESUMO

O presente artigo analisa a obra ficcional *O exército de um homem só* do escritor Moacyr Scliar publicado em 1973, a fim de perceber através do contexto histórico a representação marxista que envolve a narrativa. Através de um cotejo da obra ficcional *O exército de um homem só* com embasamento teórico de Karl Marx e estudos históricos marxistas.

Palavras-Chave: O exército de um homem só; Karl Marx; Literatura.

ABSTRACT

This article analyzes the fictional work of Moacyr Scliar's *The one-man army* published in 1973, in order to perceive through the historical context the Marxist representation that involves the narrative. Through a comparison of the fictional work *The one-man army* with theoretical foundation of Karl Marx and historical Marxist to study.

Keywords: The one-man army; Karl Marx; Literature.

1 Introdução

O legado do revolucionário Karl Marx tem profundo impacto na política, na economia, e no pensamento intelectual. Spindel (1981) salienta que a ideologia política marxista no Brasil nas décadas de 1910 e 1920 determinaram as formas de organização e do comportamento político da classe proletária. Em 1922 o Partido Comunista do Brasil (PCB) foi fundado por um grupo de antigos militares anarquistas sob liderança de Astrojildo Pereira. Em 1925 aconteceu um congresso do Partido Comunista que interpretava os ensinamentos de Marx, Lenin, e da Internacional Comunista. Em 1927 o líder tenentista da Coluna Prestes, Luís Carlos Prestes recebeu uma vasta bibliografia marxista. Em 1954 foi realizado o IV Congresso do Partido comunista. Na década de 60 surgiu divergências no grupo. Em 1964 cresceu o movimento e surgiu organizações que são chamadas de PCB e o PC do B, que representam esse movimento atualmente no Brasil.

Nesse contexto político brasileiro insere-se o estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente no bairro Bom Fim, em Porto Alegre nasce uma representação da teoria marxista na literatura ficcional intitulada *O exército de um homem só* publicado em 1973 do esquerdista escritor Moacyr Scliar.

Dessa forma, busca-se compreender a representação da teoria marxista na Literatura.

Nota-se que Scliar agregou na sua forma de escrever indícios da teoria marxista, procura-se compreender como essa representação é vinculada no contexto histórico.

A pesquisa justifica-se pela importância no âmbito mundial inquestionável que a Teoria Marxista é para as Ciências Sociais, Artes, Política e Literatura e pelo fato de que inexitem até o momento estudos históricos que contemplem uma análise da obra em questão. Em vista disso, será possível identificar nas personagens características marxistas? De que forma as personagens ficcionais estão envolvidas com o contexto histórico?

Para dar conta do tema, primeiramente abordará Moacyr Scliar e a obra, para em seguida, com embasamento teórico da teoria de Karl Marx seja possível cotejar essa representação com a obra histórica. 316

2 Moacyr Scliar e o exército de um homem só

O ashkenazi Moacyr Scliar (1937-2011) nasceu em Porto Alegre no bairro judaico Bom Fim, médico e professor universitário, filho de José Scliar que imigrou para o Brasil na segunda década do século XX, através do projeto de Colonização da Jewish Colonization Association em 1891.

Moacyr Scliar foi o sétimo ocupante da cadeira 31 da Academia de Letras, publicou mais de 70 livros, a obra em análise *O exército de um homem só*, é a segunda novela publicada em

1973, traduzido para mais de dez idiomas.

Essa obra ficcional relata a trajetória da personagem Mayer Guinzburg, um judeu que veio da Rússia para o Brasil em 1916. Mayer também chamado de Capitão Birobidjan ou companheiro Birobidjan, desde a infância demonstrava apresso pelas ideias revolucionárias de Karl Marx, contrariando as expectativas de seu pai que o instigava para que seu filho tornasse um rabino.

Na adolescência Mayer e seus amigos marxistas fundaram um Comitê que dividia-se em três partes: o Comitê da limpeza, o Comitê da Comida e o Comitê de Estudos Políticos. O tempo se passa Mayer não encontra dentro das ideologias de sua família, mas acaba casando-se com Leia, e tendo dois filhos. Na busca de encontrar a si mesmo acaba fugindo de casa e inicialmente sozinho vive num terreno baldio numa barraca abandonada.

Neste local funda a “Nova Birobidjan” e passa a conviver com três animais: O Companheiro Porco, Companheira Cabra, e a Companheira Galinha, para os animais lia trechos da obra de Rosa de Luxemburgo e empenhou-se na construção uma horta de subsistência. Discursava para “homenzinhos” frutos da sua imaginação que o perseguiram desde a infância.

Com o passar do tempo surgiram quatro invasores próximo ao terreno que mataram seus três animais. Dentre eles havia uma mulher chamada Santinha que acaba morando com

Mayer, mas não aceita ser chamada de Rosa de Luxemburgo e recusa-se trabalhar nas atividades domésticas. Santinha abandona-o e vai trabalhar numa empresa.

Mayer desanima-se em seu plano de fundar Birobidjan. Então, resolve voltar para casa, e tenta mudar seus ideais. Através do comércio funda uma empresa de construção “Maykir”, obtendo prestígio social e riqueza mas, não contenta sua ambição de fundar Birobidjan, envolve-se com uma amante separando-se da esposa, e com isso a empresa chega a falência.

Dessa forma, sozinho vive numa pensão sustentado pelo filho, mas continua com o sonho de fundar a “Nova Birobidjan”, expondo suas ideias para os outros moradores que não lhes dão atenção. Envolve-se num confronto com os moradores da casa por comentar seus planos com isso, têm um ataque do coração. 317

O título da obra *O exército de um homem só* dirige-se a Mayer lutar sozinho, somente com seu exército imaginário de homenzinhos. Mayer tenta enfrentar o capitalismo, mas diante dele está só, acaba rendendo-se quando torna-se proprietário de uma empresa e acaba cometendo atrocidades capitalistas. Mas, em sua mente jamais pensa em desistir de fundar uma Birobidjan.

Segundo Malka (2017) o significado etimológico do nome “Mayer” tem origem hebraica que significa: "aquele que brilha, reluz", em alemão significa: capataz, fazendeiro.

Percebe-se que a escolha do nome associa-se a personagem que dentro da narrativa tornar-se um fazendeiro quando se isola do mundo.

Para dar continuidade a análise, as marcas na literatura da teoria Marxista consistirá numa análise dessa representação.

3 Marcas na literatura da teoria Marxista

Karl Marx (1818-1883) nasceu na Prússia, mas viveu maior parte de sua vida em Londres. Sua mãe judia holandesa e seu pai descendente de uma família de rabinos. Marx e seu amigo Friedrich Engels (1820-1895) escreveram o Manifesto do Partido Comunista que marcou a passagem das teorias utópicas para as chamadas teorias científicas, ou Socialismo marxismo. Em (1848) O capital (1867-1894) Sobre a questão Judaica em (1843) dentre outras.

Spindel (1980) salienta que Karl Marx desde tempos da juventude demonstrava preocupação com a impossibilidade de o homem realizar-se integralmente. No estudo da Filosofia via a possibilidade de compreender o mundo que o cercava, já na economia buscava uma visão dos processos dos meios de produção. Mas, não apenas compreender, Marx queria participar na vida pública e defender seus ideais, “ele achava que o conhecimento só tem valor, quando serve como ferramenta para transformar o mundo e abrir novos caminhos para a humanidade.” (CARVALHO, 1993, p.56).

Então, observando que o trabalho não

representava prazer para aquele que produzia, sendo uma obrigação de subsistência. Notou que a maioria da população que trabalhava não se apropriava do resultado desse trabalho. Dessa forma, concluiu que uma sociedade deveria surgir um dia para que todos os homens tivessem a possibilidade de desenvolver-se plenamente. Nessa sociedade comunista. “Comunismo para ele, era o estágio da sociedade humana onde não mais existiriam exploradores e explorados, onde a exploração do homem pelo homem tivesse chegado ao fim. O homem e a natureza fariam um todo harmônico.”(SPINDEL, 2001, p.13).

Marx percebeu que não seria possível o proletariado assumir poder político num estado burguês, dessa forma restava tomar o poder e 318 criar um Estado Proletário. “O Estado, na concepção marxista, não passa de um instrumento de dominação de uma classe social sobre outra.”(SPINDEL, 2001, p.25). Marx menciona que a sociedade atual é a história da luta de classes. “Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, mestre e oficial, em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em constante oposição; empenhados numa luta sem trégua”. (MARX, 2001, p.23).

De acordo com (PETTA, 1999, p, 182) sobre as reformas que deveriam ser feitas afirma:

Para conseguir a coletivização dos meios de produção, o Socialismo Científico defendia a via revolucionária e a implantação da ditadura do proletariado, que é uma etapa provisória durante a qual seriam realizadas as reformas necessárias para eliminar a

propriedade privada e coletivizar os meios de produção. Realizadas essas transformações, a sociedade entraria no **Comunismo**, que é a sociedade sem classes, porque estariam eliminados todos os fatores que promovem as diferenças entre as classes sociais.

Carvalho (1993) menciona que Marx via uma diferença entre socialismo e comunismo. Marx entendia que para chegar numa sociedade comunista, era necessário passar pela fase do socialismo. Dessa forma, os trabalhadores assumiriam o controle do Estado, e a propriedade privada deixaria de existir e o Estado nas mãos do proletário garantiria a saúde, habitação e educação para a população, “ (...) o Comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade burguesa. (...) os comunistas podem resumir sua teoria nesta fórmula única: abolição da propriedade privada”. (MARX, 1985, p. 44).

Moacyr Scliar na literatura representa a questão do capital bem comum a todos através da personagem Mayer que desde a infância perturba seu pai com suas leituras vinculadas a Karl Marx. Nota-se:

Quem é este Marx? - perguntava nosso pai, espantado. - E o que ele sabe da felicidade dos homens?

- Sabe tudo! Sabe que não deve haver fome, nem injustiça. Não deve haver “meu” nem “teu”; deve ser: “ O que é meu é teu; o que é teu, é meu”. (SCLIAR, p. 18).

Na obra intitulada *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels sobre a classe do proletário afirmam:

De todas as classes que hoje enfrentam a burguesia, somente o proletariado é uma classe realmente revolucionária. As outras classes vão degenerando e tendem a desaparecer com o desenvolvimento da grande indústria, ao passo que o proletário é seu produto característico. (MARX, 2001, p.110).

Marx diferencia o proletariado da burguesia porque designar as pessoas que não tinha bens materiais, a não sua prole (filhos). O proletariado é um grupo de pessoas que trabalham em centros urbanos. “Um dos fatos de maior importância relacionados com a revolução industrial é sem dúvida o aparecimento do proletariado e o papel histórico que ele desempenharia na sociedade capitalista”. (BENEDITO, 1948, p.14). Marx acredita que o proletariado pode vencer a burguesia. “A verdade é que a burguesia, uma vez instalada no poder, se assusta com a própria revolução.” (BENEDITO, 1948, p. 27). Sobre a ambição por almejar um novo país, uma nova organização:

Mayer Guinzburg, Leia, José Goldman. Estavam falando de um grande país; estavam falando de camponeses e operários, homens altos, de sobrelhas espessas olhar sombrio mais altivo, queixos largos. Estavam falando de mulheres fortes e silenciosas, de lenço na cabeça e filhos no colo (...) (SCLIAR, 2012, p. 10).

Nesse ponto, traz a tona outro aspecto, a obra literária descreve a classe operária que tem força e a capacidade de comandar um país. Sobre a tomada do poder nas mãos do proletariado, a criação de uma bandeira, uma jornada de

trabalho fixa e a criação de uma sociedade comunista afirma:

Neste momento, o proletariado da Europa e da América passa em revista as suas forças, mobilizadas pela primeira vez **num** só exército, sob **uma** só bandeira e por **um** mesmo fim imediato: a fixação legal da jornada de trabalho normal de oito horas, proclamada já em 1866 pelo Congresso da Internacional, reunido em Genebra e, de novo, pelo Congresso operário de Paris, em 1889. (MARX, 1985, p. 23).

Nota-se que criar uma nova bandeira, formar uma colônia coletiva:

Mayer Guinzburg tem ideias. Formarão uma colônia coletiva, Leia, José Goldman e ele. Ficará longe de Porto Alegre; não muito longe, é claro, pois de lá terá de vir, um dia, a Grande Marcha. Haverá um mastro, onde flutuará ao vento a bandeira de Nova Birobidjan. Semearão milho e feijão. Trataram as plantas como amigas, como aliadas no grande empreendimento. (...) Morarão em barracas; num pequeno telheiro instalarão o Palácio da Cultura, onde estarão expostos os desenhos do Companheiro Guinzburg, e onde a Companheira Leia declamará Walt Whitman e o Companheiro José Goldman lerá suas proclamações. (SCLIAR, 2012, p.10)

Nesse aspecto, o personagem Mayer planeja criar uma sociedade comunista com características próprias como hino, bandeira, declamação de poetas da revolução. A Mayer pergunta aos integrantes de seu comitê: “Quem era o “grande filósofo”, amigo de Marx, autor de “Anti- Dühring”, seis letras? Engels, é claro. Como esquecer Engels? Como esquecer Engels? Como esquecer que ele nasceu em 1820 em Barmen, na Alemanha, que morreu em 1895? Engels”. (SCLIAR, 2012, p.53). Percebe-se a

referência ao nome do companheiro de ideais de Marx na obra *Manifesto do Partido Comunista* publicado entre dezembro de 1847 e janeiro de 1848.

Na obra ficcional, as personagens dialogam sobre a vida de Karl Marx, sobre o comunismo e ao fato de ser judeu e ter negado a religião. A família de Marx pertencia a classe média de origem judaica, seu trabalho como conselheiro da justiça, sua ascensão ao trabalho obrigava-o a ser antissemita. Quando Marx completou seis anos a família converteu-se ao cristianismo.

— Todos os judeus são comunistas! — gritava o integralista, dando uma bofetada em José Goldman.

— Mentira! — José Goldman respondia com jabs. 320

— E Marx? — o integralista tentava uma gravata.

— Marx era assimilado! — José Goldman desvencilhava-se e mandava um right cross.

— E Trotsky? — Colomy vinha a pontapés.

— Era renegado! — José Goldman esquivava-se e mandava um hook.

— Então os judeus não são de nada! — o integralista agora fugia. — Negam a própria raça! — Patife! — José Goldman queria correr atrás; podia usar seu mortífero uppercut, mas os amigos o detiveram. De longe, Colomy gritava: — Os judeus são comunistas! — Antes fossem — resmungava José Goldman. — Antes fossem. (p. 43)

Aqui, uma das personagens usa a expressão “negam a própria raça”, para dizer a negação de Marx ao judaísmo. Marx não critica apenas ao Judaísmo, mas também todas as outras religiões capazes de acomodar o proletário a não lutar pela sua emancipação política. De acordo com Marx (MARX, 2009, p.38) sobre a

emancipação, afirma:

A emancipação *política* do judeu, do cristão, do homem *religioso* de modo geral consiste na *emancipação* do Estado em relação ao Judaísmo, ao Cristianismo, á religião como tal. Na sua forma de Estado, no modo apropriado á sua essência, o Estado se emancipa da religião, emancipando-se da *religião do Estado*, isto é, quando o Estado como Estado não professam nenhuma religião, mas, ao contrário, professa-se Estado. A emancipação *política* em relação á *religião*, porque a emancipação *política* ainda não constitui o modo já efetuado, isento de contradições, da emancipação *humana*.

Uma das críticas marxistas ao Judaísmo, dirige-se ao caráter de que o povo judeu absorveu o capitalismo, pela sua facilidade de desenvolver o comércio e fazer a negociação através de dinheiro. De acordo com (MARX, 2010, p.58) sobre a relação de dinheiro com Israel, afirma:

O dinheiro é o deus zeloso de Israel, diante do qual não pode subsistir nenhum outro. O dinheiro humilha todos os deuses do homem e os transforma em mercadoria. O *dinheiro* é o *valor* universal de todas as coisas, constituído em função de si mesmo. Em consequência, ele despojou o mundo inteiro, tanto o mundo humano quanto a natureza, de seu valor singular e próprio. O dinheiro é a essência do trabalho e da existência humanos, alienada do homem; essa essência estranha a ele o domina e ele a cultural.

No sistema Capitalista as atividades comerciais são medidas pelo lucro, e o trabalhador vende sua força de trabalho em troca de dinheiro. Os capitalistas buscavam lucrar ao máximo através da excessiva exploração do trabalho.

A ordem econômica capitalista precisa dessa entrega de si à “vocação” de ganhar dinheiro: ela é um modo de se comportar com os bens exteriores que é tão adequada àquela estrutura, que está ligado tão de perto às condições de vitória na luta econômica pela existência, que de fato *hoje* não há mais que se falar de uma conexão necessária entre essa conduta de vida “crematista” e alguma “visão de mundo” unitária. (WEBER, 2004, p. 45).

Tomazi (2010) salienta que o termo *trabalho* pode ter nascido do vocábulo latino *tripallium*, que significa “instrumento de tortura”, e por muito tempo esteve associado a ideia de atividade penosa e torturante. Nas sociedades grega e romana era a mão de obra escrava que garantia a produção suficiente para suprir as necessidades da população. “Alguns 321 homens passaram a dispor de meios para explorar o trabalho dos outros; passaram a impor aos trabalhadores condições de trabalho que não eram livremente assumidas por estes”. (KONDER, 1983, p. 29)

Aqui, nota-se outro aspecto, a exploração do trabalho do proletário. Na ficção a personagem Mayer representa o funcionário que sente-se obrigado a trabalhar em seus pensamentos, tinha uma perseguição de uns homenzinhos que pareciam estar aplaudindo e sorrindo para ele. O trecho retrata os pensamentos de Mayer a respeito do chefe.

“Aquele velho sujo: capitalista explorador.” Os homenzinhos aprovavam com a cabeça. “Se pudesse, sugava o sangue dos trabalhadores”. Os homenzinhos aplaudiam.

“ É preciso lutar”. Aplausos, aplausos. Mayer vendia, de má vontade, um pedaço de elástico. (SCLIAR, 2012, p. 34).

Mayer vendia sua força de trabalho mas trabalhava sem empenho como forma de não dar lucro ao seu chefe. O trabalhador trabalha na empresa sem receber pelo o que produz. O que produz nessas horas a mais chama-se mais-valia. Mayer trabalhava “ As horas trabalhadas e não pagas, acumuladas e reaplicadas no processo produtivo, vão fazer com que o capitalista enriqueça rapidamente.” (TOMAZI, 2010, p. 46). Ser capitalista significa ocupar não somente uma posição pessoal, mas também uma posição social na produção. O capital é um produto coletivo: só pode ser posto em movimento pelos esforços combinados de muitos membros da sociedade, e mesmo, em última análise, pelos esforços combinados de todos os membros da sociedade. (MARX, 1985, p.45).

Na ficção Mayer não gosta do jogo de xadrez:

Não gosta de jogos em geral, especialmente os de cartas, cheios de reis, rainhas, valetes-um vício burguês. Os reis, dizia, são seres gordos e estúpidos; comem frangos inteiros, arrotam, adormecem e roncam; as rainhas, perversas, colocam veneno no vinho dos inimigos. (SCLIAR, 2012, p.11)

Vale ressaltar, que xadrez é um jogo praticado pela burguesia europeia, cada peça possui sua a reprodução da hierarquia de reis e rainhas que impõem o poder em cima dos peões que são a maioria menor simbolizando o

operário.

De acordo com Lopez (2017) “o jogo dos reis” ou o xadrez foi apoiado pelo partido comunista apoiou a prática por meio de torneios do jogo de xadrez. Durante o , vários filósofos interessaram-se pelo xadrez, como: Karl Marx, Jean Jacques Rousseau, Vladimir Lenin, Leon Trotsky percebe-se que todos personagens influentes na formação do comunismo.

Na obra intitulada *Manifesto Comunista*, Marx afirmava que a queda da burguesia e a vitória do proletariado são inevitáveis:

Os comunistas recusam-se a dissimular suas concepções e seus propósitos. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser atingidos pela derrubada violenta de toda a ordem social passada. Que as classes dominantes temem a ideia de uma revolução comunista. Os proletários nada têm a perder, exceto seus grilhões. Têm um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, unidos! (Marx, 2001, p. 84).

322

A teoria Marxista mostra que o proletariado não deve aguardar o inevitável fim do capitalismo, mas organizar-se para acelerar sua queda para tomar o poder.

(...) a luta de classe aproxima-se do auge, o processo de dissolução no interior da classe dirigente no interior da classe dirigente, no interior de toda a velha sociedade, assume um caráter tão violento, tão áspero, que uma pequena parte da classe dirigente desvincula-se desta e junta-se à classe revolucionária, á classe que tem o futuro nas mãos. (MARX, 2001, p. 41).

Na ficção nota-se que a questão da queda da burguesia é inevitável:

No fundo, contudo, crê que um dia os peões avançaram, não de casa em casa, mas a passo de gigante, derrubando reis, rainhas, e bispos, seus cavalos e suas torres. Os tribunais do povo funcionarão, os réus confessarão, cabeças rolarão. O tabuleiro será a nova república dos Peões. Não haverá mais casas brancas e pretas; as casas serão de uma cor e propriedade comum. (SCLIAR, 2012, p. 11).

Aqui, nota-se que a representação dos peões significam os proletários avançando e vencendo a burguesia que seriam as peças rei e rainha do jogo de xadrez.

Mayer resolve tentar criar uma colônia comunista chamada Birobidjan, morando numa barraca num lote abandonado. Convivendo inicialmente animais como a Companheira Cabra, a Companheira Galinha, o Companheiro Porco. Mayer encontra uma moradora próxima da barraca e decidem morar juntos. A mulher chama-se Santinha mas Mayer chama-a de Rosa de Luxemburgo percebe-se um senhor autoritário que a obriga a trabalhar.

Rosa de Luxemburgo era teimosa. Não trabalhou naquele dia. O Capitão resolveu que era tempo de reforçar sua autoridade; dava mais ordens, mandando pelo simples prazer de mandar. Obrigou-a a comer depois dele e deixava sempre pouca comida. Finalmente exigiu que o tratasse de senhor. (SCLIAR, 2012, p. 77)

Santinha resolve abandoná-lo porque trabalha nos afazeres domésticos na barraca de Mayer sem receber salário pelo seu trabalho. Então, Santinha resolve trabalhar numa fábrica

para receber um salário pelo seu trabalho, contrariando as convicções de Mayer. “Depois de ser suficientemente explorado para que se lhe paguem o salário em dinheiro líquido, o operário torna-se presa de outros membros da burguesia – proprietário, o comerciante, o penhorista, etc”. (MARX, 2001, p. 36).

Meu nome é Santinha — disse ela, numa voz incolor. — E vou-me embora.
— Mas por quê? — Birobidjan agarrou-a pelos braços. — Por que, Rosa?
— Santinha. Porque... Bom, acho que vou arranjar um emprego numa fábrica. É melhor... Capitão.
— Numa fábrica? Numa fábrica eles vão te explorar! — gritou Birobidjan.
— Vais te entregar de mãos e pés à burguesia? — É... — Ela estava embaraçada:
— Eles vieram me buscar. (SCLIAR, 2012, p. 79)

323

Nesse aspecto, Santinha contraria Mayer porque trabalharia para o sistema capitalista assalariada, nesse contexto o trabalhador perdia a posse de ferramentas e máquinas, passando a viver da única coisa que lhe pertencia: sua força de trabalho, explorada ao máximo”.(VICENTINO, 1997, p. 288). Percebe-se que Mayer tenta convencer Santinha de não aceitar o emprego mas, ela desanima de conviver em Nova Birobidjan. Desde o aparecimento das indústrias as mulheres tornaram-se importante força de trabalho. “Para o burguês sua mulher nada mais é que um instrumento de produção.” (MARX, 1985, p. 49).

O Capitão fechou a janela e atirou-se na

cama. Chorava; chorava como seu avô depois do pogrom Kischinev: gritando e batendo no peito com o punho cerrado; chorava por Nova Birobidjan, por Rosa de Luxemburgo que voltava à escravidão; chorava por milhões de operários espalhados pelo mundo, gente pálida e magra, de grandes olhos secos de tanto chorar. Chorava por si mesmo, pelo pobre e triste Capitão Birobidjan que um dia sonhara com um mundo melhor. Chorou muito. (SCLIAR, 2012, p. 80)

Mayer sozinho e desanimado acaba rendendo-se ao capitalismo, desistindo de viver na barraca no meio do mato e volta para casa. Funda uma firma de construção chamada Maykir com um sócio, lucram e possuem muitos funcionários. Dessa maneira, seus ideais marxistas parecem terem se apagado. De acordo com (MARX, 2009, p. 57), sobre o acúmulo de riqueza:

A condição mais essencial para a existência e a dominação da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos de particulares, a formação e o aumento do capital; a condição do capital é o trabalho assalariado. O trabalho assalariado baseia-se exclusivamente na concorrência dos operários, por sua união revolucionária resultante na associação.

Mayer envolve-se com uma funcionária e amante chamada Geórgia que a abandona. A burguesia Geórgia questiona Mayer de sua crença religiosa. Mayer demonstra ser praticamente do judaísmo contradizendo sua visão marxista.

— Deus? — ela riu. — Desde quando acreditas em Deus? Isto Mayer não sabia; mas não era de muito tempo, não. A crença fora se insinuando nele devagarinho. Agora

lia frequentemente a Torá, a Mishná, a Guemara. Salmodiava suas orações como seu pai o fizera — balançando o corpo para diante e para trás. (SCLIAR, 2012, p.101)

Aqui, nota-se que Mayer apesar de ler as teorias marxistas, fraquejava na questão da religião, porque continuava a rezar como um judeu. Percebe-se que Mayer, abusou de sua condição social para poder ter o privilégio de ter uma amante. Marx faz uma crítica aos burgueses que se aproveitam do proletário através do assédio sexual dos patrões nas funcionárias.

Nossos burgueses, não satisfeitos em ter a sua disposição as mulheres e as filhas de seus proletários, para não falar da prostituição oficial, têm o maior prazer em seduzir mutuamente suas recíprocas esposas. (MARX, 2009, p.64)

324

Nota-se que Mayer toma uma posição capitalista pelas suas atitudes. No questionamento da personagem Geórgia Moacyr Scliar questiona a visão marxista de Mayer colocando-o numa contradição. A obra revela que dinheiro não lhes traz felicidade, Mayer mesmo na sua velhice busca constante difundir seus planos de novamente criar uma colônia Birobidjan, minutos antes de ter um ataque do coração.

No próximo tópico a representação das personagens imaginárias vinculadas ao marxismo que existem na realidade histórica.

4 Personagens que se assemelham ao histórico

Nesse tópico busca-se entender a existência de personagens ficcionais associadas ao contexto histórico. Dentre os quais destacam-se: Isaac Babel, Rosa de Luxemburgo, Lenin, Sigmund Freud, Maiakóvski, Walt Whitman, Josef Stalin. O escritor ficcional usa o nome de personalidades ligadas ou influenciadas pela teoria Marxista. Essa verossimilhança traz aparência de realidade para essas personagens ficcionais.

Na obra ficcional Scliar comenta semelhantemente a trajetória do jornalista russo Isaac Emmanuilovich Babel, judeu defensor do marxismo, que faleceu em 1941.

Também lia contos de Isaac Babel. Issac Babel, de Odessa, era filho de um comerciante judeu. Após a revolução russa foi comissário político na cavalaria de Budieni. Escreveu contos sobre suas vivências de guerra. Mais tarde foi preso e enviado para um campo de concentração, onde morreu em 1941. [...] Estes fatos só apareceram em 1956, quando das revelações sobre a era stalinista. (SCLIAR, 2012, p.51)

A segunda personagem ficcional associada ao histórico chama-se Rosa Luxemburgo (Rozalia Luksenburg). Segundo Archive (2017) a filósofa e teórica marxista Rosa de Luxemburgo nasceu na Polônia e tornou-se mundialmente conhecida por participar do grupo marxista do SPD, e ao lado de Karl Liebnecht fundaram a liga espartaquista, foram capturados e mortos em 1919.

Naquele ano Mayer Guinzburg lia Rosa Luxemburgo (1870-1919), que ele chamava

carinhosamente “minha rosa de Luxemburgo”, embora não fosse de Luxemburgo e sim da Polônia. Muito moça, emigrara para a Alemanha, lá casando com um trabalhador. Editou o *Arbeiterzeitung*, mas logo depois de trabalhar no *Leipziger Volkszeitung*. Tomou parte na revolução russa em 1905; em seu retorno fundou, com Karl Libknecht, a Liga dos Espartaquistas. Foram presos em 1919 e levados a Prisão Moabita, de Berlim, os guardas os mataram a pretexto de impedir-lhes a fuga. Os corpos foram jogados em um canal e achados somente alguns dias depois. Rosa de Luxemburgo.. Mayer Guinzburg tinha uma fotografia dela; um rosto puro e iluminado, parecido ao de Leia. Rosa de Luxemburgo. (SCLIAR, 2012, p.19)

Na obra ficcional uma das vizinhas de Mayer tinha uma adoração pelo revolucionário comunista Lenin que foi chefe de governo da República Russa no período de (1917-1924) Lenin enfrentou uma guerra civil entre 325 revolucionários bolcheviques e contra revolucionários, grupos que não queriam a implantação do regime soviético. As táticas leninistas desenvolvidas a partir das ideias de Marx foram em grande parte responsáveis pela vitória da classe operária na Revolução Russa fazendo parte do marxismo-leninismo, que está nos regimes comunistas. “Tinha uma adoração secreta por Vladimir Ilich Ulianov, Lênin (1870-1924), cujo nome murmurava dormindo.” (SCLIAR, 2012 p.20).

Outra personagem ficcional associada ao real é o criador da psicanálise, Sigismund Schlomo Freud. Segundo A&E Television Networks (2017) Sigmund Freud nasceu em Freiberg na Morávia, em 6 de maio de 1856. Filho de Jacob Freud, um comerciante judeu. Em

1873 iniciou seus estudos na University Vienna. Em 1885 estudou vários meses com Breuer e com Charcot a hipnose e o método Cártico. Em 1900 publicou a obra *A interpretação de Sonhos*. Em 1904 publicou *Psicopatia da vida cotidiana*. Percebe-se a verossimilhança entre os dados históricos e o excerto ficcional.

Sigmund Freud nasceu em 1856 em Freiberg, na Morávia; desde os 4 anos viveu em Viena. Trabalhou com Breuer e Charcot. Descobriu o inconsciente. Introduziu a livre associação. Escreveu *Psicopatologia da vida Cotidiana, Interpretação dos sonhos e O chiste e sua relação com o inconsciente*. Em 1930 passou por Porto Alegre e no aeroporto foi abordado por nosso pai, de quem agora se defendia pedindo aos circunstantes que intervissem, o que eles tentavam, inutilmente, fazer. (SCLIAR, 2012, p.29)

Na obra ficcional dois poetas reconhecidos historicamente são mencionados, chamam-se Maiakóvski e Walt Whitman:

Para as barricadas eu digo: barricadas da alma e do coração! Walt Whitman: Pioneiros! Ó Pioneiros! O passado inteiro deixamos para trás. Desembocamos em um mundo mais novo [e potente, variegado mundo sadios e robustos nos apossamos do mundo de trabalho e marcha, Pioneiros, Ó Pioneiros]. (SCLIAR, 2012, p. 51).

Segundo Pensador (2017) O primeiro dos poetas Vladimir Vladimirovitch Maiakóvski, nasceu na Rússia, também chamado de “O poeta da Revolução Russa” fortemente impregnado as obras socialistas, ingressou no partido bolchevique do Partido Social Democrático Operário Russo. O segundo poeta citado é Walt Whitman jornalista nort-americano, considerado

“O pai do verso livre”, o trecho citado na obra de Scliar é de autoria de Whitman.

Na ficção ocorreu o episódios histórico chamado “Complô dos médicos” episódio ocorrido em 1953 ao líder soviético Josef Stalin. De acordo com Altman (2017) essa conspiração de médicos judeus, sob ordens da inteligência estadunidense tinham como objetivo assassinar membros do Partido Comunista Soviético.

1952. Na União Soviética, médicos judeus são acusados de organizar um complô contra a vida de Stalin. Na Tchecoslováquia, Rudolf Slansky, até 1950, Secretário-Geral do Partido Comunista Tcheco, e até 1951, Vice-PrimeiroMinistro, é levado a julgamento sob acusações de “atividades trotskistas-titoístassionistas, a serviço do imperialismo americano”; em dezembro de 1952. (SCLIAR, 2012, p. 90)

326

Percebe-se que o período histórico da URSS teve importância para a interferência nas personagens ficcionais. Essa agitação intelectual, política, revolucionária, destas personagens influenciam a ficção da narrativa, porque o autor ficcional descreve o contexto mundial histórico na ficção.

5 Referência a terra prometida e a Birobidjan

Segundo Bahat (2002) a Declaração Balfour de 1917 reconheceu o direito dos judeus terem um lar nacional na Terra de Israel. O Mandato Britânico na Palestina perdurou até que a organização das Nações Unidas- ONU aprovasse a Resolução 181, de 20 de novembro

de 1947 estabelecendo o estado judeu e outro estado árabe.

Para a crença religiosa do Judaísmo, Deus os escolheu prometendo-lhes a terra prometida. A Palestina é a terra santa, local de peregrinações, nela situa-se o Muro das Lamentações, local sagrado para o povo judeu. Sobre a importância de Israel para o povo judeu (BAHAT, 2002, p. 5), afirma:

A Terra de Israel, chamada durante um período de Canã e muito mais tarde de Palestina, está ligada indissolvelmente ao povo judeu. É aqui que a história judaica começa há quatro mil anos e durante todos esses séculos sempre houve presença judaica na Terra de Israel. No exílio ou na Diáspora os judeus nunca se esqueceram de sua Terra e sempre sonharam com o Retorno. Apesar de essa religião ter sido ocupada por numerosos conquistadores, nenhum outro povo ali teve independência ou considerou a Terra como o centro de sua existência nacional. (BAHAT, 2002, p. 5)

Na obra ficcional a personagem Mayer faz uma referência e terra prometida “— Israel! Eu te dou Israel! A terra prometida, não é?” (SCLIAR, 2012, p. 102). A fundação de um estado judaico em Israel ocorre no ficcional e no histórico.

Em 1948, ele teve momentos de emoção, com a proclamação do Estado de Israel. Lá as colônias coletivas se multiplicavam — iniciavam ali a construção de uma nova sociedade. Arrebatado, Mayer Guinzburg pensava em dezenas de mastros, de Palácios da Cultura, de locais para futuras usinas. (SCLIAR, 2012, p. 84).

No texto ficcional ocorre a criação do Estado de Israel em 1948, coincidindo com o

contexto histórico. De acordo com (SOUZA, 2003, p.59) sobre a criação, afirma:

Em novembro de 1947, a Assembleia Geral da ONU reconheceu o direito dos judeus de estabelecer um lar nacional – direito este que havia sido tragicamente referendado nos campos de extermínio – no território da antiga Palestina; no ano seguinte seria criado o Estado de Israel, cujo surgimento foi motivo de orgulho para as comunidades judaicas, pelas realizações dos pioneiros que estavam criando, com seu esforço, um país novo.

Historicamente judeus e árabes ocuparam territórios do Oriente Médio. Mas entram em divergências devido a crença religiosa que se agravou com o surgimento da religião Islâmica. De acordo com (BAHAT, 2002, p. 47) sobre a não aceitação dos árabes para a fundação do Estado de Israel e a revolta, afirma:

Os judeus aceitaram a Resolução e os árabes rejeitaram-na. Para que não fosse implementada, cinco países iniciaram uma guerra ainda antes da retirada dos britânicos. Já no curso dessa guerra, no dia em que terminava o Mandato, David Ben Gurion proclamou o estabelecimento do Estado de Israel (do qual se tornou primeiro-ministro). O novo país recebeu milhares de refugiados judeus que tiveram de fugir dos países árabes, integrando-se à nova nação.

Dentre os países que votaram contra a criação do Estado de Israel, na ONU na votação realizada na 49ª Assembleia geral das Nações Unidas destacam-se: Cuba, Egito, Grécia, Índia, Irão, Iraque, Líbano, Paquistão, Arábia Saudita, Síria, Turquia, Iêmen. No Brasil Osvaldo Aranha votou a favor. Em Porto Alegre no bairro Bom Fim, uma das ruas homenageia-o.

Na obra ficcional podem ser vistos enxertos que demonstram a não aceitação da criação de Israel pelos árabes e desavenças.

1956. O final do ano foi cheio de tensões. Os compromissos de Maykir se avolumavam; nos jornais anunciavam como iminente uma guerra entre Israel e seus vizinhos. (p. 97)

Em 23 de setembro ocorreu um ataque dos jordanianos aos componentes de uma convenção arqueológica que estava inspecionando as escavações de Ramat Rachel. Uma rajada de metralhadora partiu de repente de um posto da Legião Árabe, matando três pessoas e ferindo dezoito. (p. 99)

— Mas os jordanianos disseram que o ataque foi efetuado por um soldado da Legião Árabe acometido de um acesso de loucura! — Porém naquele mesmo dia os jordanianos mataram mais dois israelenses — um lavrador em Maoz Chaim e uma mulher perto de Jerusalém. Na fronteira com o Egito cinco viajantes foram assassinados na estrada de Sdom para Beersheva. Elementos de infiltração invadiram um laranjal perto de Even Yehudah; mataram dois trabalhadores e cortaram suas orelhas.

— E no dia seguinte — berrou Mayer — as forças israelenses destruíram um posto policial jordaniano em Kalkilya. É o cúmulo! Em pleno território da Jordânia! Tremia de raiva. (SCLIAR, 2012, p. 99).

O governo de Israel preparou um ataque traiçoeiro a seus vizinhos, em obediência a determinação estrangeira. Israel estava mancomunado com a Inglaterra e a França — duas potências imperialistas — para invadir o Egito. Israel é uma terra pérfida. (SCLIAR, 2012, p.99)

Pode-se fazer uma relação com a colônia Birobidjan citada no texto ficcional que a personagem Mayer sonhava em estabelecer no Bom Fim. Essa criação ficcional de “Birobidjan” faz referência a criação real do Estado de Israel na Palestina.

Para a personagem Mayer saber desse

Estado de Israel resultou na solidez de um sonho que ele tentava realizar e não conseguia. “Birobidjan. Um dia os judeus do Bom Fim reconheceram a importância deste nome. Birobidjan: a redenção do povo judeu, o fim das perseguições. Birobidjan! (SCLIAR, 2009, p.8).

A escolha do nome “Birobidjan” pelo autor ficcional não é mera escolha porque Moacyr Scliar usa o nome do Distrito Nacional Judaico, do governo Josef Stalin (1934) Localizada na Federação Russa, com a capital do Oblast Autônomo Judaico fazendo fronteira com Krai de Khabarovsk e a província chinesa de Heilongjiang no qual Stalin designou os imigrantes judeus em áreas isoladas para praticarem sua cultura iídiche. Birobidjan seria **328** para Mayer o ideal de sociedade, lugar onde os judeus seriam perseguidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que a teoria marxista tenha influenciado a diversas áreas inclusive a Literatura. O que nos chama a atenção é como essa obra de ficção incorpora indícios Marxistas e históricos.

Pode-se concluir que a obra *O exército de um homem só* representa uma indissociável ligação com o contexto histórico e com aspectos da teoria marxista. No decorrer da narrativa no segundo tópico nota-se a existência de personagens ficcionais inter-relacionadas com

questões política e ideais marxistas na URSS, a referência a criação de Birobidjan na Rússia.

A pesquisa não encerra mas, instiga a continuar a investigação e estudo.

REFERÊNCIAS

ALTMAN. Max. **Complô dos médicos de 1953**. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com/conteudo/noticias/8815/conteudo+opera.shtml>> Acesso: 08/11/2017 às 22:09.

ARAUJO. Marcele Juliane Frossard de. **Karl Marx**. Disponível em: <<https://infoescola.com/biografias/karl-marx>> Acesso: 19/09/2017, às 23:29.

ARCHIVE. Lu Xun. **Rosa de Luxemburgo**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/glossary/people/l/u.htm#luxemburg>> Acesso: 08/11/2017, às 13:19.

A&E Television Networks. **Sigmund Freud**. Disponível em: <<https://www.biography.com/people/sigmund-freud-9302400>> Acesso: 08/11/2017, às 21:27.

BAHAT, Dan. **Vinte séculos de vida judaica na Terra de Israel: as gerações esquecidas**/ Dan Bahat. São Paulo: B'nai B'rith do Brasil, 2002.

CARVALHO, André. **Socialismo: (incluindo abordagem atualizada das mudanças no mundo comunista)**. Belo Horizonte: MG: Ed. Lê, 2ª edição, 1993.

LOPEZ Batista Carlos. **Xadrez na união soviética**. Disponível em: <cxv.com.br/html/cronicas/miseriaseglorias05.htm

> Acesso: 08/11/2017, às 13:20.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Rio de Janeiro. Livraria Editora Cátedra Ltda. 1985.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Tradução Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L& PM, 2001.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução: Pietro Nassetti, São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2009.

MARX, Karl. **Sobre a Questão Judaica**/ Karl Marx: apresentação [e posfácio] Daniel Bensai'd; [tradução Nélio Schneider, tradução de Daniel Bensai'd, Wanda Caldeira Brant]. São Paulo: Boitempo, 2010.

MALKA. Esther. **Nomes judaicos masculinos**.³²⁹ Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/ciclodavida/nascimento/nmasculinos.html>> Acesso: 19/09/2017, às 18:22.

PENSADOR. **Walt Whitman**. Disponível em: <https://pensador.com/autor/walt_whitman/biografia> Acesso: 08/11/2017, às 21:41.

PENSADOR. **Maiakóvski**. Disponível em: <https://pensador.com/autor/vladimir_maiakovski/biografia> Acesso: 08/11/2017, às 21:49.

PETTA, Nicolina Luíza de. **Coleção base: História: uma abordagem integrada**. São Paulo: Moderna, 1999.

SANTOS, Ivaldo. **A crítica de Karl Marx à religião na obra A Questão Judaica**. Disponível em: <<http://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conte>

udo/A%20cr%C3%ADtica%20de%20Karl%20
Marx.pdf > Acesso: Data 07/09/2017, às 23:12.
SCLIAR, Moacyr. **O exército de um homem
só; novela.** Rio de Janeiro: Expressão e
Cultura.1973.
SOUZA. Márcio. **Entre Moisés e Macunaíma:
os judeus que descobriram o Brasil/** Márcio
Souza, Moacyr Scliar. - Rio de Janeiro:
Garamond, 2003.
SPINDEL, Arnaldo. **O que é comunismo.** São
Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
VEZZARO, Bernardo, Antônio. **A Literatura e
a História em A filha do escritor.** Erechim.
UPF, p.137-146, S/A. Disponível em: <
<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/11.pdf> > Acesso:
Data: 22/09/17, às 20:03.
VICENTINO. Cláudio. **História Geral.** São
Paulo: Scipione, 1997.
WEBER, Max. **A ética protestante e o
“espírito” do capitalismo.** Disponível em:
<<http://lelivros.stream/book/baixar-livro-a-etica-protestante-e-o-espírito-do-capitalismo-max-weber-em-pdf-e-epub/>> Acesso: Data
12/09/2017, às 21:35.

Recebido em: 15/12/2017.

Aprovado em: 09/01/2018.

Publicado em: 30/01/2018.

NOTAS

ⁱ Mestranda em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Bolsista FUPF 50%. E-mail: glauca.zinani@gmail.com. Orientadora: Dra. Rosane Marcia Neumann.